



LITERATURA AFRICANA DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO
MÉDIO: MOBILIZANDO MEMÓRIAS EM COMUM

Angélica de O. Ivo AMARAL (UNEMAT)¹

Marinei ALMEIDA (UNEMAT)²

Resumo: Este artigo é resultado de uma pesquisa realizada através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência- PIBID, ao qual estive vinculada como aluna-bolsista no período de Julho de 2011 a Julho de 2012. O programa visa a formação e qualificação do acadêmico em licenciaturas do curso de Letras, especificamente do *Campus* Universitário da UNEMAT de Pontes e Lacerda. Em parceria com as escolas de ensino público, este projeto possibilita ao acadêmico diferentes vivências da prática docente estando voltado para o ensino-aprendizagem de línguas, Literaturas e outras práticas de Linguagens. Diante disso, cada aluno-bolsista fica designado a recortar um objeto de pesquisa nas respectivas áreas que o curso oferece, visando obter resultados não só no âmbito acadêmico, mas propiciando um retorno para escola da rede pública que cede seu espaço, laboratório essencial para nossa pesquisa. De modo particular, nossos olhos nesta pesquisa estiveram voltados para os benefícios que o ensino de Literatura Africana pode proporcionar aos alunos de nível médio.

Palavras-Chave: Literatura Africana. Lei 10.639. Brasil. Ensino.

Abstract: This article is the result of a survey conducted by Institutional Scholarship Program Initiation the Docência- PIBID, which have been linked as a student-scholar in the period July 2011 to July 2012. The program aims at training and qualification academic degrees in letters of course, specifically the University Campus of UNEMAT of Pontes e Lacerda. In partnership with public schools, this design allows the different academic experiences of teaching practice being focused on the teaching and learning of languages, literatures and other languages practices. Thus, each student-scholarship is designed to cut a target in the respective areas that the course offers in order to obtain results not only in academia, but providing a return to public school that gives its space, essential laboratory for our research. In particular, our eyes in this research were focused on the benefits that the teaching of African literature can provide secondary school students.

Keywords: African Literature. Law 10.639. Brazil. Teaching.

*África não pode ser reduzida a uma
entidade simples, fácil de entender
e de caber nos compêndios
africanistas.*

(Mia Couto)

¹ Graduada em Letras – Professora da Rede Municipal

² Doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. Professora no departamento de Letras-UNEMAT *campus* de Pontes e Lacerda. Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – MeEL/UFMT.



A noção de África muitas vezes sustentada nos meios educacionais brasileiros apresenta uma visão distorcida e bem distante do real. Na maioria das vezes os estudantes tem acesso à imagem de um continente homogêneo, selvagem e pobre, conseqüentemente, grande parte dos alunos sai das escolas com um imaginário preconceituoso e estereotipado em relação ao negro e a África.

Na sociedade os indivíduos que alimentam esse tipo de visão encaram com indiferença não só o negro africano que vive em outro continente, mas os afro-descendentes que vivem em nosso país estabelecendo uma gritante relação de exclusão de um grupo por outro. Estas estereotípias comprometem tanto a compreensão dos processos sociais sofridos pelo continente africano como processos que afetam a humanidade e também a nação brasileira, visto que tal continente possui fortes ligações sócio-histórico-cultural com outros povos do mundo, sobretudo com os povos africanos localizados ao sul do deserto do Saara, via começo desta ligação se deu historicamente com a ocupação colonial a vários países de África por Portugal, o mesmo país que colonizou o Brasil, bem como por meio do tráfico negreiro em que o Brasil foi o último país a deixar esta prática.

A imagem criada dos africanos é algo tão diferente da realidade que se torna quase impossível nos reconhecermos nesses povos. O fato de não aceitarmos o ‘outro’ se pauta na ignorância, no desconhecimento, na imagem alterada que temos desse ‘outro’. Percebemos que não só o nosso país, mas o mundo criou um estereótipo do africano extremamente distante daquilo que se é na realidade.

Os africanos são identificados com designações apresentadas como inerentes às características fisiológicas baseadas em certa noção de raça negra. Assim sendo, o termo africano ganha um significado preciso: negro, ao qual se atribui um amplo espectro de significações negativas tais como frouxo, fleumático, indolente e incapaz, todas elas convergindo para uma imagem de inferioridade e primitivismo. (HERNANDEZ, 2005, p.18)

Mas a ignorância em relação aos africanos não se limita somente nesses aspectos, esses povos ainda tiveram que conviver por muito tempo com a caracterização de uma nação sem história, sem falar na insistente abordagem de se perceber o continente africano pela visão de homogeneidade. Devido a complexidade e a variedade cultural existente na África,



esses povos assistiram o apagamento de suas características em relação ao continente europeu e americano.

(...) foi apenas a partir de 1960, sob a influência dos nacionalistas independentistas e no âmbito da busca pela identidade do continente de cada um dos Estados-nação recém- formados, que foi reconhecida a necessidade de se conceber um novo método de abordagem adequado para negar a homogeneidade das tribos africanas. (HERNANDEZ, 2005, p. 25)

A mentalidade falseada em relação ao continente africano não é mérito somente dos dias atuais, ela surgiu por volta do século XVI, em que se estabeleceram pensamentos chamados “racionalistas” que consolidam com o passar dos tempos integrando-se a um “saber moderno” e instituindo concepções políticas, éticas e morais *fundamentando os colonialismos do final dos oitocentos*. (HERNANDEZ, 2005, p.17).

Assim, o conjunto de escrituras sobre a África, em particular entre as últimas décadas do século XIX e meados do século XX, contem equívocos, pré- noções e preconceitos decorrentes, em grande parte, das lacunas do conhecimento quando não do próprio desconhecimento sobre o referido continente. Os estudos sobre esse mundo não ocidental foram, antes de tudo, instrumentos de política nacional, contribuindo de modo mais ou menos direto para uma rede de interesses políticos- econômicos que ligavam as grandes empresas comerciais, as missões, as áreas de relações exteriores e o mundo acadêmico. (HERNANDEZ, 2005, p. 18)

Não podemos negar que o nosso país está indiscutivelmente ligado ao continente africano em diversos aspectos. Seja na geografia semelhantemente tropical com algumas regiões da África subsaariana, na diversidade cultural e religiosa, num passado histórico marcado pela colonização europeia ou pelo tráfico de escravos que firmou um elo mais forte entre o Brasil e a África, ligação essa que se reflete na sociedade brasileira hoje atuando nas práticas religiosas, na música, na dança, na oralidade, na culinária e em outras esferas sociais. Como afirma Serrano e Waldman (2007):

O Brasil é um país extraordinariamente africanizado. E só a quem não conhece a África pode escapar quanto há de africano nos gestos, nas maneiras de ser e de viver e no sentimento estético do brasileiro. Por sua



vez, em toda a outra costa atlântica podem-se facilmente reconhecer os brasileirismos. (SERRANO; WALDMAN, 2007, p. 15)

Um dado importante é que entre 40% e 60% da sociedade brasileira são de ascendência africana, o que torna o nosso país a segunda nação com a maior população negra do mundo, perdendo apenas para a Nigéria, um país africano com o maior índice populacional do continente. (SERRANO; WALDMAN; 2007).

Apesar da comprovação de todos estes dados, atualmente ainda nos deparamos com visões extremamente arcaicas em relação ao continente africano, imagens carregadas de preconceitos, equívocos e visões corrompidas pelo poder, pela política e até mesmo pela história que chega às nossas escolas. É por esse e outros motivos que enxergamos na literatura uma forma de apresentar aos nossos alunos uma África de cara nova, um continente heterogêneo, um povo que tem história, que tem cultura, que tem arte. Nesta perspectiva, Renata Rolon (2011) destaca a importância de se ensinar literatura africana nas escolas brasileiras.

Neste contexto, ao promover o contato com autores africanos de expressão portuguesa, a escola ira mediar e estabelecer os diálogos entre literatura brasileira e outras literaturas, outras culturas, promovendo a quebra de preconceitos e paradigmas. Na leitura desses autores, tem-se então uma literatura que transcende fronteiras geográficas e linguísticas. Evidenciam-se raízes e marcas indelévels. Nessa perspectiva percebem-se os enlaçamentos entre Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde e outros países que sofreram semelhante processo de construção. (ROLON, 2011, p. 133)

Apesar de muitas visões ainda truncadas e arcaicas sobre a África, temos que reconhecer que o interesse por estudos mais aprofundados e realistas em relação a este continente tem crescido nos últimos anos. “Neste sentido, a África, seus povos e suas culturas tornam-se foco de sumo interesse para os profissionais de educação...” (SERRANO; WALDMAN, 2007, p.12). Com este trabalho acreditamos contribuir com o aumento dessas pesquisas comprometidas com um ensino que possibilite ao aprendiz o conhecimento crítico e verdadeiro deste continente, um estudo que leve em conta toda a sua complexidade e peculiaridades sociais, políticas, culturais e linguísticas. Almejamos que as escolas brasileiras tenham acesso a este continente da forma como ele realmente é e com o devido reconhecimento identitária, não numa visão simplista e ingênua como muitas vezes tem ocorrido nas escolas do nosso país.



2. Acesso à Literatura Africana: parâmetros legais

Nesta pesquisa também buscamos compreender como ocorre o cumprimento da lei 10.639 em escolas públicas de nível médio, tomando por base a lei sancionada em 2003 que estabelece as disciplinas obrigatórias em que os conteúdos devem ser ministrados. Ressaltamos que nosso estudo se limita ao campo literário, buscamos compreender se os alunos tem acesso aos conteúdos estabelecidos na lei por meio de obras literárias, tendo em vista que a maioria das obras da Literatura Africana de língua portuguesa recriam fatos sócio-históricos importantes não somente para seu próprio continente, mas para todos os povos que um dia mantiveram ou mantêm relações com esta nação, como é o caso do Brasil que carrega em seu passado histórico a situação colonial e em seu presente a partilha da mesma língua, herança desse passado em comum.

Há nessas literaturas uma (re) configuração dos espaços. Nesses, evidenciam-se os encontros e as diferenças que marcam a identidade dos povos africanos. Percebe-se, então, que o discurso literário, em todas as circunstâncias, serve como aliado na luta que se trava dentro e fora da linguagem. Os confrontos, travados na linguagem, buscam uma expressão própria. O engajamento visível na literatura dos sujeitos desses processos históricos na luta pela libertação colonial se consolida em caminhos que se abrem para um futuro que projeta um novo homem e uma nova nação. (ROLON, 2011, p.133)

O acesso por meio da literatura à cultura e a história dos povos africanos contribui na formação de pensamentos mais críticos e amadurecidos em relação a essa nação tão ignorada e também os ajudará a se posicionar de forma resolvida diante da nossa relação com os países africanos de língua portuguesa, instituindo ideologias que podem contribuir na formação e no reconhecimento de suas identidades.

(...) a literatura desperta inevitavelmente o interesse pelos elementos contextuais. Tanto quanto a estrutura, eles nos dizem de perto, porque somos levados a eles pela preocupação com a nossa identidade e o nosso destino (...) mesmo que isso nos afaste de uma visão científica, e difícil por de lado os problemas individuais e sociais que dão lastro a obra e as amarram ao mundo onde vivemos. (CANDIDO, 1972, p. 804)



Sancionada em 9 de janeiro de 2003, a lei 10. 639 altera a lei 9.394 de 20 de Dezembro de 1996, tornando obrigatório o ensino da História e da Cultura Afro-brasileira e Africana nos níveis de escolaridade Fundamental e Médio, tanto em escolas públicas quanto particulares. Os conteúdos programáticos estabelecidos na lei incluem o estudo da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, o resgate da contribuição do povo negro nas áreas sociais, econômicas e políticas pertinentes a história do Brasil. Ficando assim estabelecido que tais conteúdos deverão ser ministrados nas disciplinas de Educação artística, Literatura e História brasileira.

No ano de 2008 foi criada também a lei 11.645 acrescentando a lei 10.639, em nível de obrigatoriedade, o ensino da História e da cultura indígena. Segundo o plano nacional brasileiro a implementação destas leis significa mais um passo dado no combate ao racismo, ao preconceito e a discriminação étnica no Brasil. Além disso, estas leis reconhecem o espaço escolar como ambiente primordial na formação social de cada indivíduo e ainda, a importância de se estudar a história dos povos base da formação sócio-histórico-cultural dos brasileiros.

De acordo com este documento a escola institui-se como um espaço que deveria oferecer aos indivíduos hospitalidade, igualdade de direitos, interação entre diferentes culturas. Um ambiente onde cada ser possa perceber o seu valor e o seu potencial no âmbito de suas subjetividades. Contudo, pesquisas afirmam que os afro-descendentes estão entre os grupos sociais que se tornaram mais vítimas de preconceitos raciais no Brasil.

Além disso, existe ainda na sociedade aquela ilusão de que o preconceito em relação ao negro tem diminuído ou praticamente não existe no Brasil, enquanto muitos continuam pensando dessa forma, a intolerância continua crescendo de maneira camuflada na sociedade.

Tal repressão cultural, quando muito disfarçada pelo mito da “democracia racial”, desdobra-se, aliás, em não reconhecimento de valores e práticas sociais de raiz africana interiorizadas pelo conjunto da população brasileira, independentemente da sua origem racial. (SERRANO; WALDMAN, 2007, p.12)



A criação destas leis que estabelecem a obrigatoriedade no ensino de conteúdos voltados para questões africanas e afro-brasileiras pode ser vista como um avanço no campo da afro-educação, no entanto, o conhecimento dos brasileiros em relação a este continente ainda merece muitos esclarecimentos e aprofundamentos.

Com base nisso, acreditamos que muitos desses esclarecimentos e até novas descobertas em relação a esse continente podem ser possíveis por meio da literatura desses países, afinal a presença de fatos históricos é algo perceptível nas obras literárias africanas, no entanto, em sua essência as abordagens literárias transcendem os fatos históricos. Além do mais, sabemos que a literatura, como toda e qualquer arte não é algo isolado da sociedade, pelo contrário, ela é permeada por acontecimentos, transformações e ideologias sociais de determinado tempo e meio cultural.

De acordo com Carpeaux (apud BOSI A., 2002, p. 07) “a relação entre literatura e sociedade não é mera dependência: é uma relação complicada, de dependência recíproca e interdependência dos fatores espirituais (ideológicos e estilísticos) e dos fatores materiais (estrutura social e econômica).” Definida em outras palavras, Leyla Perrone-Moisés afirma que “a literatura parte de um real que pretende dizer, falha sempre ao dizê-lo, mas ao falhar diz outra coisa, desvenda um mundo mais real do que aquele que pretendia dizer”. (PERRONE-MOISÉS, 1990, p.102)

Ainda segundo Perrone-Moisés (2010) a literatura nasce a partir da insatisfação humana com o mundo no qual está inserido, este ser então busca preencher por meio da linguagem essa incompletude que ele sente na sua existência. Através dessa falta, desse algo não compreendido, não preenchido, buscamos na literatura uma forma de expressar nossas “especulações racionais sobre como as coisas deveriam ser e não são” (PERRONE-MOISÉS, 2010, p. 103).

Neste sentido, acreditamos que no contato com essa literatura nossos alunos podem descobrir e formular concepções individuais amadurecidas sobre tal continente sem deixar levar-se por pensamentos pré-estabelecidos histórica ou politicamente permeados de ideologias preconceituosas e agressivas aos povos africanos. E, além do mais, o fato desses indivíduos conhecer a história dessa nação fará com que percebam a similaridade existente entre a nossa e a história desse “outro”, até então desconhecido.



Desse modo, não vemos as abordagens literárias desses países como indiferentes as nossas, pelo contrário são realidades que se entrelaçam não só por fatores históricos, mas por fatores que traduzem os anseios literários, humanos e filosóficos.

3. O imaginário da África: dados gerais da pesquisa

No intuito de compreender o imaginário dos alunos em relação ao continente africano organizamos nossa pesquisa em algumas etapas, as quais discorreremos a seguir. Num primeiro momento conversei com a professora responsável pelas disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura a respeito do projeto e da minha pesquisa, ela se prontificou a colaborar no que fosse preciso. Ao questioná-la sobre aos conteúdos propostos pela lei 10.639, ela me disse que ainda não havia trabalhado com seus alunos as exigências propostas, então perguntei se esses conteúdos se faziam presentes no livro didático e ela me respondeu afirmativamente, solicitei os livros para que eu pudesse conhecer os textos selecionados. Diante da concordância da professora agendei as verificações para uma segunda visita a escola.

Após esse primeiro contato com o professor da escola verifiquei a disponibilidade deste para responder a um questionário sobre a implementação da lei 10.639 em escolas brasileiras. Levando-se em consideração o objetivo da nossa pesquisa, levantamos os seguintes questionamentos:

- 1) Quais são as dificuldades de aplicação da lei no âmbito literário ?
- 2) O material didático brasileiro vem ao encontro do que a lei exige ?
- 3) De quem é a responsabilidade pelo cumprimento da lei ?
- 4) Os professores recebem preparo para trabalhar os conteúdos exigidos pela lei ?
- 5) A biblioteca da escola recebeu ou já possuía obras da literatura Africana ?
- 6) Qual é a reação dos alunos diante dos conteúdos literários propostos pela lei ?
- 7) Qual é o seu posicionamento diante da lei 10.639 ?

Com base no depoimento da professora, constatamos que um dos principais obstáculos para um ensino eficiente dos conteúdos curriculares estabelecido por lei é, em



primeiro plano, a falta de materiais didáticos disponibilizados aos educadores e aos alunos. Num segundo plano esta ausência de cursos preparatórios para os professores neste campo do conhecimento tendo em vista que a inserção da disciplina que prepara os professores nessa área oferecida pelo curso de licenciatura em Letras é recente, o que dificulta os professores que atuam há mais tempo na educação em adquirir formação em nível de um conhecimento mais aprofundado nessa área. No entanto, segundo a opinião da professora os esforços para ampliação da lei de maneira eficaz não deve partir somente de departamentos governamentais, mas de gestores em geral como diretores, coordenadores, professores e alunos. Acredita-se que o cumprimento efetivo de tais exigências só será possível através de um trabalho coletivo que não envolva somente formação, mas posicionamentos divergentes de muitos que estamos habituados a testemunhar quando se fala de leis que beneficiem negros africanos ou afrodescendentes.

Na segunda visita solicitei a observação dos livros didáticos e me dirigi à biblioteca, onde na oportunidade sondei, com perguntas, a bibliotecária em relação às obras literárias na área da literatura Africana e ela me informou que a escola não possuía materiais nesta área. Na realidade, a biblioteca possuía pouquíssimos livros. Com base nesses dados levantamos o seguinte questionamento: Somente os textos selecionados e propostos no livro didático seriam suficientes, na sustentação de um ensino consistente previsto na lei, para garantir aos nossos alunos a oportunidade de formular concepções individuais sobre a nação africana? Com certeza não. Este é o terceiro fator que vem somar ao cenário bastante tímido do ensino de literaturas africanas de língua portuguesa nas escolas brasileiras.

Verificando os livros didáticos, confesso que fiquei surpresa ao encontrar textos de autores renomados como: José Craverinha, Antonio Jacinto, Mia Couto, Mauricio Gomes, Jorge Barbosa, Manuel Ferreira e Onésimo de Silveira. Além disso, os textos selecionados são considerados referências literárias, como por exemplo: “Carta de um contratado”, de Antonio Jacinto; “Grito Negro”, de Jose Craverinha; “Exortação”, de Mauricio Gomes, entre outros. No entanto, alguns textos eram apresentados somente fragmentos e na maioria os textos eram de um mesmo gênero, como por exemplo a poesia. Diante disso acreditamos que a ausência de livros literários nessa área priva os alunos do direito de ser ter o contato com outros textos de estruturas mais longas como narrativas e contos, que na maioria das vezes não são apresentados pelos livros didáticos de forma integral.



As atividades propostas para interpretação dos textos também foram verificadas, como por exemplo, as que pedem para os alunos estabelecerem uma relação dialógica entre os elementos usados na descrição das figuras femininas presentes no poema “Carta de um contratado”, da Literatura Africana e na obra “Iracema”, da Literatura Brasileira. Esta é uma boa atividade para se trabalhar o diálogo entre a escrita literária Brasil/África, afinal estes são textos que exaltam elementos típicos de suas terras, fazendo prevalecer aquilo que é nativo ficando subentendido uma recusa de elementos trazidos pelo colonizador, em ambos os textos. Esta proposta, portanto, é bastante positiva para se trabalhar o processo de colonização e de descolonização tanto do nosso país quanto de países africanos.

Após a fase de verificação dos materiais utilizados em sala de aula, passamos para um segundo momento da pesquisa, a de trabalhar em sala com os alunos alguns textos da Literatura Africana, no intuito de compreender o processo de recepção deles em relação a essa “nova” literatura. Para o trabalho em sala, selecionamos alguns poemas, contos e músicas, em geral, com o objetivo de despertar nos alunos um interesse especial pela literatura. Nesta seleção de textos incluímos alguns que o próprio livro didático selecionara, como o poema de Antonio Jacinto “Carta de um contratado”. Este texto nos possibilitou discutir fatos referentes a colonização da África, como os conflitos linguísticos, elementos dos biomas africanos abordados no texto, etc. Também lemos e discutimos o poema “Sou Carvão”, de José Craverinha, no qual o sujeito lírico rememora a exploração dos negros durante o processo de escravidão, assim como o poema “Quero ser tambor”, do mesmo autor moçambicano, que também há uma proposta de luta de reconhecimento do ser rácico, o desejo do negro pela sua libertação, os elementos culturais africanos presentes na música e na dança, como também sondamos, tais temáticas e elementos, no conto “As mãos dos pretos”, do autor africano Luís Bernardo Honwana, que traz para o corpo textual literário elementos preciosos para a discussão sobre preconceito, noções estereotipadas criadas em relação ao negro, divisão de classe, entre outros.

Iniciamos a aula com uma dinâmica introdutória em que pedimos para os estudantes desenharem numa folha em branco algo que lhe remetesse à África, levando em conta o imaginário deles em relação ao continente. O resultado dessa dinâmica foi muito interessante e surpreendente, pois através dela foi possível confirmar dados que muitas pesquisas afirmam. Os nossos alunos estão saindo do ensino médio com imaginário totalmente simplista em



relação ao continente africano. Um imaginário muitas vezes corrompido por noções preconceituosas e erradas sobre estes povos.

As imagens criadas nos desenhos variavam entre representações de selvageria, pobreza e primitivismo, algumas exceções variaram em desenhos de centros urbanos. O imaginário de nossos alunos é o de que a África é um lugar repleto de savanas, zebras, girafas e elefantes. Além disso, imagina-se um lugar onde só existe um povo, uma etnia, uma língua, uma cultura. Percebemos na discussão dos textos trabalhados a noção simplista e ingênua que os alunos possuem desse continente. Quando se fala em África a única noção que vem à mente deles é a de um país chamado “África” e não de um continente formado por diversos países, povos, raças e línguas. A noção predominante no imaginário de muitos ainda é a da imagem de negrinhos magros de caras pintadas de branco que vivem em tribos e sobrevivem da caça de animais selvagens, como propagava até pouco tempo a televisão.

Infelizmente uma constatação negativa que confirmamos nesta pesquisa é que parte das concepções sustentadas por nossos alunos criadas ou inventadas, estas são pré-noções que foram estabelecidas ao longo dos anos pelo imaginário europeu e ainda hoje é através desse imaginário europeizado que se houve falar da “África”. Pensamentos que nos oferece um amplo leque de injunções negativas que corrompem a mentalidade ingênua de muitos estudantes.

Dessa maneira é que discutir e/ou questionar de qual “África” está se falando é fundamental para qualquer mudança de pensamento e visão, pois:

Compreender a África é sumamente um exercício crítico. Uma das suas metas aponta para o desvendamento de realidades encobertas por mitos, ficções e imagens fantasiosas. Indiscutivelmente, ainda que existam visões estereotipadas cultivadas contra outros povos e regiões, a África, mais do que qualquer outro continente, terminou encoberta por um véu de preconceitos que ainda hoje marcam a percepção da sua realidade (SERRANO; WALDMAN, 2007, p. 21).

4. Considerações finais

Neste contato com o ambiente de sala de aula, pudemos vivenciar a recepção e a experiência dos alunos com textos da Literatura Africana num ambiente em que estão



habituaados a estudar, procuramos utilizar os materiais disponibilizados pela escola, como textos impressos, datashow, som e um número de aluno igual ao que nos deparamos todos os dias numa rotina normal de aula, cerca de 30 por sala.

Todos esses fatores foram importantes para percebermos a participação, a interação, o interesse dos alunos pelos textos, dentro de uma rotina colegial a que estão acostumados. Acreditamos que sem a alteração do ambiente, dos materiais pedagógicos, da rotina escolar, pudemos ter resultados mais reais e consistentes da relação aluno/texto.

De maneira geral, concluímos ressaltando a importância de um ensino realmente comprometido com a formação social, ideológica e cultural de cada aluno. Um ensino que possibilite aos alunos conhecer o leque de criações literárias existente não só em nosso país, mas em outros países, com outras realidades e outras formas de encarar o mundo, pensamentos que talvez estejam mais pertos de suas inquietações.

5. Referências

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**: estudos de teoria e historia literária. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

HERNANDEZ, Leila Leite. **A África na sala de aula**: visita à historia contemporânea. São Paulo: Selo Negro, 2005.

MARINHO JUNIOR, Lenicio Dutra. **A Lei 10.639/03 e seus reflexos na educação pública**. Pontifica Universidade Catolica de Minas Gerais.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional *versus* identidade negra. 3.ed. Belo Horizonte: autentica, 2008.

PERRO-MOISÉS, Leyla. **A criação do texto literário**. Flores da escrivaninha. São Paulo: companhia da letras, 1990.

PINTO, Regina Pahin. Movimento negro e educação do Negro: a ênfase na dentidade. In: **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, n 86, p.25-38, ago, 1993.



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Lei 10.639**, de 9 de janeiro de 2003.

SEMEDO, Odete Costa. **No fundo do canto**. Belo Horizonte: Nandyala, 2007.

SERRANO, Carlos; WALDMAN, Mauricio. **Memoria d’Africa**: a temática africana em sala de aula. São Paulo: Cortez, 2007.

ROLON, Renata Beatriz. O ensino das literaturas africanas de língua portuguesa no curriculum escolar brasileiro: algumas considerações. **Revista Ecos**, Ed. N11, 2011.